

## NOTAS, EM GUISA DE CONCLUSÃO

É evidente que, nesta minha conversa com António Sergio, está largamente ultrapassado aquele ponto morto para além do qual estão perdidas as condições necessárias para um completo esclarecimento dos problemas em debate.

No meu último artigo (Carta a António Sergio-crítico, vol.II, fasc. VII de Vertice) anunciei a intenção de não voltar ao assunto a não ser que o meu interlocutor se resolvesse a "discutir cientificamente os argumentos científicos" que lhe pusera. O caso não se deu (ver Explicações para os que entendem a língua que eu falo, vol.II, fasc. VIII) e eu não mudaria de resolução se nessas Explicações se não contivessem alguns pontos de facto (entre muitos outros) que não posso deixar passar em claro. Por isso, e só para isso, lanço novamente mão da pena, embora contrariado, para redigir estas breves notas.

- 1.- Não tenho a mínima responsabilidade na pitoresca teoria das cerejas e das peras que António Sergio apresenta nas suas Explicações e as suas afirmações ao pretender que eu disse que Platão se limitou a dar satisfação às suas aspirações de homem de classe e afirmei que "os motivos dum pensador supremo são apenas o temor das transformações sociais", constituem flagrantes deturpações do meu pensamento.
- 2.- António Sergio engana-se redondamente quando supõe que as razões da minha convicção da "fraca utilidade da continuação da nossa conversa" decorrem da nossa diversidade de ideias. Essa convicção não foi um ponto de partida mas uma conclusão a que cheguei, através da sua forma de argumentar.

Vou exemplificar. No seu primeiro artigo, referiu-se António Sergio à suposta entidade matemática "operação algébrica" e eu objectei-lhe que essa entidade não existia. Se a conversa se passasse entre dois homens com a mesma formação mental (embora com ideias diferentes!) o seguimento não podia deixar de ser este:

António Sergio ou respondia - tem razão - e a questão estava morta, ou replicava: o Sr. Fulano diz-me que a "operação algébrica" não existe; existe tal - é a entidade matemática definida desta maneira (e dava a definição) e com estas propriedades (e dava as propriedades). Em seguida, uma só de duas coisas era possível - ou eu respondia: tem V. razão, desculpe, ou então impugnava a definição ou as propriedades.

Fez António Sergio alguma daquelas coisas? O que ele fez, e que ficará como um documento da nossa vida intelectual nos tempos que vivemos, está, bem patente, no fasc. VI, pág. 46 desta Revista. Daí, o tom da minha resposta, que atribuiu a "mau humor" e que não representa mais que um sentimento de repulsa pelo emprego de tais processos de discussão.

- 3.- António Sergio acusa o meu livro Conceitos Fundamentais da Matemática de conter um "um incitamento à incultura filosófica, à incompreensão da genialidade, à barbarização dos leitores". Não o defenderei dessa acusação; ele que se defenda por si próprio. Espero que o faça satisfatoriamente perante todos os leitores de boa-fé e que resista ao método, sem dúvida hábil, das montagens de trechos desligados do seu contexto.

- 4.- António Sergio afirma que eu parti do dogma absurdo de que não há nada que entender em Platão.

É extremamente saborosa esta afirmação, sobretudo depois de, no meu último artigo, lhe ter apresentado uma interpretação do pensamento matemático de Platão (acerca do qual guardou prudente silêncio) e que, ~~as~~ correcta, mostra que foi ele quem nada entendeu do filósofo naquele particular.

- 5.- António Sergio revela nas suas Explicações que as suas primitivas intenções a meu respeito e dos Conceitos, e o fundo da questão, eram diferentes do aspecto que lhes deu no seu primeiro artigo.

Acho extremamente lamentável que a questão não tivesse sido posta logo no seu devido pé. Teria sido mais leal para mim, para os leitores e para si próprio. Isso ter-me-ia evitado a perda de tempo que tive no exame da sua fantasmagoria matemática que, afinal, parece que eu tomei mais a sério que o seu autor, dado que nas Explicações ela se desvaneceu totalmente. Ou considerará António Sergio que a União da Unidade responde às questões precisas que lhe pus?

- 6.- No meu último artigo (Carta a António Sergio-crítico, vol.II, fasc. VII de Vértice) aponte alguns erros graves que António Sergio cometeu na digressão matemática da sua Réplica sem severidade a um severo amigo (Vol.II fasc.VI).

Vem agora explicar que essa digressão "não pretendeu ser uma dissertação de especialidade matemática" mas somente "uma gráfica exemplificação da teoria platónica das Formas onde, para não ser caricato, se lhe impunha o dever de simplificar tudo ao máximo, e o emprego de uma linguagem muito familiar e acessível e uma ausência completa de tecnicidade abstrusa".

Não me parece que definir correctamente tangente a uma curva seja usar de tecnicidade abstrusa e defini-la incorrectamente seja um meio de "exercer proficualemente esta minha (de A.S.) missão de cultura" com o uso dos "dotes supremos" da "clareza do entendimento e a diafaneidade do estilo - a beleza intelectual, a limpidez do verbo", dotes supremos que António Sergio modestamente se atribui.

Declara ainda António Sergio, e essa declaração não pode ter outra intenção que não seja destruir o valor das minhas afirmações, que alguns ilustres professores de ciências físicas e matemáticas o "felicitarão calorosamente pelo seu artigo". A lealdade de António Sergio para com os leitores de Vértice impõe-lhe um dever - o de apresentar depoimentos desses professores em que eles declarem que o que eu afirmei serem erros não são de facto erros (1).

7.- António Sergio proclama que a "minha atitude ao discutir Platão é um exemplo pernicioso para a educação dos jovens".

Por causa da minha atitude intelectual, das minhas ideias, fui já várias vezes acusado de ser pernicioso para a educação dos jovens. Não posso esconder o meu espanto ao ver agora juntar-se a esse coro a voz de António Sergio.

(1) António Sergio explicou abundantemente o precalço sucedido a uma das figuras do seu penúltimo artigo. Cumpre aqui dizer aos leitores de Vértice o que costumam fazer as pessoas que estão acostumadas a escrever textos acompanhados de figuras. Ou fazem os seus próprios desenhos ou, quando têm de recorrer a um desenhador, dão-lhe indicações minuciosas, principalmente quanto aos aspectos delicados das figuras. Depois, verificam

cuidadosamente os desenhos antes de seguirem para o gravador. Deste modo, ficam em condições de assumir a responsabilidade das suas figuras e de não atirar as culpas para cima dos desenhadores.

Mas neste momento, terminada esta infeliz discussão, à qual não voltarei mais, sinto-me já como desligado dela, na situação dum expectador que assiste à representação de um episódio substancial da Comédia da Vida.

B. J. C.